

# A TESOURA DE GUIMARÃES

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO, E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA.  
(Sem estampilha.)  
Por anno . . . . . 2\$400  
" Semestre . . . . . 1\$300  
" Trimestre . . . . . 720

Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no Escriptorio da Redacção, Rua da Caldeira, N.º 32. Preço de cada numero avulso 40 reis. No mesmo Escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 reis por linha, repetição 20 reis. As correspondencias serão dirigidas ao Redactor Principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, emdo legalmente reconhecidas por Tabellião desta Comarca, mediante o preço de 30 reis por linha, e não contendo materias em opposição ao nosso Programma.

ASSIGNATURA,  
(Com estampilha)  
Por anno . . . . . 2\$930  
" Semestre . . . . . 1\$560  
" Trimestre . . . . . 830

GUIMARÃES 22 DE DEZEMBRO.

**T**EMOS demonstrado a utilidade, e precisão de uma lei, que abula a instituição dos vinculos, pedindo até a reforma do art. 39 da Carta, por julgarmos, que elle, alem d'outros inconvenientes de ponderação, tinha tambem o defeito de ir de encontro á formação, e promulgação de tal lei; mas para irmos coherentes com nossos principios não devemos ficar satisfeitos com a abolição dos morgados.

Aquella instituição prejudica o estado, offende a milhares de pessoas; porem outra ha, que offende a centos de milhares, prejudicando igualmente o estado, se não como dez, ao menos como cinco, mas que pelo seu numero vem a prejudicar como vinte, ao ponto que aquella prejudica como um. Fallamos dos prazos de vidas, no caso de, por successão, não darem partilha.

Em algumas provincias do nosso Portugal esta natureza de terras é quasi desconhecida; mas em outras, e com especialidade no Minho, póde dizer-se, que são a oito, e d'aqui vem, que, sem haver grande quantidade de terrenos vinculados, seja quasi geral a pobreza nos filhos segundos, ao passo que os primogénitos, ou aquelles, em que os ditos prazos são nomeados, vivem na abundancia, e mesmo na opulencia.

O terreno emprazado com a natureza de vidas passa ao successor *ab intestato* ou nomeado sem dar partilha aos herdeiros. Póde vender-se, e hypothecar-se; mas para isto carece de licença do directo senhorio do terreno, que raras vezes concede permissão para que se

divida, vindo por isso a tornar-se a sua alienação mais difficil, e mais raras, por consequencia, as contribuições que pesam sobre os bens alienados.

Já vemos pois, que, se os prazos de vidas não são morgados, são com tudo parentes muito chegados; e que se os interesses do estado, das transacções commerciaes, e, sobre tudo os sentimentos do bem da humanidade, e da igualdade perante a lei, reclamam a abolição dos vinculos, com vozes mais agudas, e penetrantes reclamam a abolição dos prazos de vidas; por que se aquelles immolam milhares de victimas, estes immolam centos de milhares.

Não approvamos, que o terreno seja todo partivel por glebas, não; nós não somos homem d'extremos; procurem-nos sempre no justo meio. O terreno partivel por glebas entre os herdeiros no fim d'algumas idades ou ficaria inculto por não dar producção, que sustentasse o cultor, ou seria insufficiente o ouro da California para o pagamento de sizas, e os homens poucos para exercerem os cargos de tabelliaens, juizes, escrivães e mais empregados da judicatura.

O meio termo pois não é duvidoso. Se esses terrenos, que gosam a qualidade de prazos de vidas passarem á natureza emphyteosis está evitada essa multiplicidade de partilhas na terra, sem que os herdeiros fiquem privados do direito, que tem á herança por igual.

Se a abolição dos vinculos deve merecer a attenção, e cuidados da proxima legislatura, não o deve merecer menos a abolição dos prazos de vidas e se a primeira continuar a encontrar estorvos, nem por isso a segunda deve ficar por tentar por ser tanto, ou ainda mais util, e necessaria, que a primeira.

Conservados os prazos é evidente, que ficam garantidos os fóros, nem nós vemos motivo para que elles, e bem assim os censos, ou pensões, deixem de o ser, quando particulares? Que é o empraçamento? — O empraçamento é verdadeiramente um arrendamento, ou perpetuo, sendo futeusim, ou temporario, sendo de vidas, cujas condições, passam dos outorgantes aos successores, que podem com tudo aceitar-as, ou recusal-as? — E que é o arrendamento? — E' um contracto, como qualquer outro. O senhor d'um ou mais predios tanto rusticos como urbanos, póde usufruir o seu rendimento, como for de seu agrado, e sendo-lhe muitas vezes impossivel habitar, ou cultivar a todos, forçoso lhe é recorrer ao arrendamento; mas como são raros os inquilinos, e colonos que bem tractam os predios arrendados, quando um destes appareça, não deve ser despresado, antes convem a sua conservação.

Por outro lado o proletario, que nem tem casa aonde habite, nem meios de subsistencia, que não sejam o producto do trabalho de suas mãos, faz consentir a sua felicidade em encontrar o jornal quotidiano, e uma casa em que se abrigue da inclemencia do tempo, e ambas estas cousas elle encontra pelo meio do arrendamento.

Está pois demonstrado, que os arrendamentos convem tanto ao rico, como ao pobre; a questão agora versa quanto ao tempo, por que são feitos.

O arrendamento por mez, por um, ou mais annos, ou geralmente por tempo curto, tem convenientes, e inconvenientes: tem convenientes por que qualquer das partes contractantes, achando-se mal, póde mudar; tem inconvenientes, por que qualquer d'ellas, achando-

CARTA D'ANASTACIO, MESTRE CHAPELLEIRO EM BRAGA; A SEU COMPADRE LIMA, MESTRE SERRALHEIRO EM GUIMARÃES.

COMPADRE, neste momento,  
Ao thio Julio escrevi;  
Pois logo que eu conheci,  
Que lhe vão abrindo a cova,  
Criei então alma nova.

Disse comigo — alto lá!  
Serei um novo Sansão,  
Este esteio da Nação  
Heide só eu sustentar,  
E mais não heide vergar.

Digo-lhe, que muito breve  
Vou partir p'ra capital;  
Aonde um novo jornal,  
Vou crear e redigir,  
Forte e serio, *c'est-à-dire*:

Que alto proclame ao paiz,  
A pomposa intelligencia,

A força da sapiencia  
Da bola ministerial,  
Deste moderno Pombal! . . . .

Que tenha por tanto mão  
Por estes dias na manta;  
Que se hoje ninguem o canta,  
Cheio de gaz e furor,  
Eu serei o seu cantor.

Tambem já tenho estudado  
Um discurso d'abertura,  
Aonde faço a pintura,  
A mais exacta e feliz,  
Do estado deste paiz.

Que nada sobre venturas,  
Riqueza e prosperidade!  
E a esta felicidade,  
A este bem sobrehumano,  
Eu lhe chamo — *Juliano*. —

Discurso que me dará,  
Duzentos bons apoiados!  
Sendo estes acompanhados  
De *bravos*, que onde fazer,  
Toda a casa estremecer!

E no fim o thio Julio  
Ha-de dizer-me ao ouvido:  
— Veio crear-me um partido,  
Espalhando a confusão,  
No campo da opposição,

— Quanto devo ao meu *Custodio*,  
E á sua *intelligencia*!  
Dando a vossa excellencia,  
Esta bella occasião  
De vir salvar a Nação!

— Vou-lhe dar uma comenda,  
Pois em verdade a mer'ceu,  
Que se (coitado!) perdeu  
Nas terras mais principaes,  
Elle não era p'ra mais. —

E logo muito baixinho,  
Assim com ar de mysterio;  
— Recompondo o ministerio,  
Vossa excellencia ha-de vêr,  
Que me não sei esquecer . . . . —

Parece-me que estou ouvindo,  
O ministro assim fallar;  
E eu já todo a inchar,

do-se bem, póde ser privada d'esse bem: mas se ambas as partes encontram interesses, e conveniências reciprocas, por que motivo não hão de poder segurar por mais tempo esses mutuos interesses?!

E ninguem os prohiu, estamos nós ouvindo. Pois bem; é isso, o que fizeram assim o senhorio do predio como o inquilino, ou caseiro colono. Fizeram um contracto de arrendamento, a que se deu o nome de prazo, para elles e seus descendentes, a que se deu o nome de *fiteosim perpetuo*; para elles e um dos filhos, ou estranho, que o ultimo dos segundos nomear, a que se deu o nome de *vidas*.

Por meio deste contracto ficou o senhor do predio sabendo, que tinha cazeiro certo, sem se ver arriscado a ficar-lhe devoluto, com o nome d'emphyteuta; ficou o emphyteuta seguro, que tinha casa, em que habitar, terreno que cultivar, sem se ver arriscado a não achar jornal, com que pudesse alimentar-se a si, e sua familia. E não será este um contracto razoavel? Em que será mais repugnante, que outro qualquer contracto? — Será por passar a pessoas, que n'elle não tomaram parte? — Essas pessoas tem a liberdade de aceitar, ou recusar, quando lhe não convenha, e então o directo senhor tem de tomar conta do predio, como se não tivesse contractado, porque esse predio não deixa de ser propriedade sua.

E' isto, o que se conforma com a razão, e tudo, o que for fóra d'aqui, é um ataque a propriedade, que nos é mantida pela constituição do estado — Mas, dirão, o senhorio directo não é prejudicado, dá-se-lhe o valor do fóro — De que modo? pagando-se vinte fóros, pela liquidação? isso é de rir.

Nem o valor de vinte fóros é o valor real do fóro, nem, quando o fosse, era essa a compensação; porque importando uma expropriação deveria a remissão ser conforme com este processo. Demais, onde se viu comprar terras com o rendimento de 5 por cento? — Cá para as provincias do norte ninguem se gaba d'essa. Ora, se ninguem compra terras, sujeitas a despezas, que lhe rendam a 5 por cento, como comprarão os fóros exémplos d'ellas?

Chamam libertar a terra o exémpta-la de todo o encargo? — Então sejam coherentes; ninguem possua terra, que não seja cultivada por suas mãos; então digam aos cazeiros colonos: pagai o valor de vinte rendas, e o solo é vosso.

Legisladores, respeitai o código das nossas liberdades. Elle diz — E' garantido o direito de propriedade em toda a sua plenitude — e a unica excepção não é, a de que se trata, em que *além do valor* manda previamente in-

demnizar. — Nós queremos o progresso em todo o sentido; mas o progresso accomodado á razão; nós queremos as reformas; mas não estamos possuido do frenesi reformador.

J. I. d'Abreu Vieira.

### (COMMUNICADO)

**H**é inevitavel um desastroso incendio no convento dos extinctos Dominicos desta cidade, se a ill.<sup>ma</sup> camara, a quem hoje pertence aquelle edificio não mandar immediatamente tirar uma immensa porção de palha painça, que se acha nos baixos do edificio, que a mesma ill.<sup>ma</sup> camara traz arrendados, servindo de cavalharias, palheiros (como desgraçadamente estamos vendo) e outros usos, onde continuamente estão creados a fumar, e alli vão de noute com luzes.

Este edificio foi dado ao municipio, e está hoje occupado pela administração do concelho, e suas respectivas repartições, onde ninguem duvida estão os papeis e documentos de maior consideração de todo o concelho, e fóra delle, e é justamente pelo lado debaixo dessas repartições que se acham esses palheiros, estando nos solhos dos corredores multiplicidade de boracos, fumando-se alli constantemente e lançando-se (como é costume) inconsideradamente os restos de um cigarro acceso, e o fogo de o ter accendido sobre esse solho assim esboracado. Esperamos, que a ill.<sup>ma</sup> camara faça immediatamente remover todas essas materias combustiveis, fazendo d'ellas uma positiva prohibição áquelle seu inquilino, ou antes prefira perder esse pequeno rendimento, que ver, juntamente comosco, tam lamentavel acontecimento, devendo sem perda de tempo mandar solhar, ou pelo menos remendar todos esses innumeraveis boracos, que ainda que não venham a ser causa de um incendio, o serão, sem a mais pequena duvida, de quebrarmos as pernas, e de apparecermos instantaneamente a cavallo em um dos machos ferozes do Alquilador. Recordamos, que este senhor já foi o causador de um grande incendio na rua da Fonte Nova desta cidade pelos descuidos, se não delle, dos seus domesticos.

### INTERIOR.

« A comissão central permanente de 12 de Agosto aos seus adherentes de todo o reino.

Camaradas!

Corre para dois annos que tomamos sobre nós

Assim, e vér que de prompto,  
O nome perde que tem,  
Alcançando o grande bem,  
De se ouvir logo chamada;  
— A madama deputada. —

Fará, que os meus cincoenta,  
Lhe pareço vinte, o mais;  
Nem ha-de indagar os pais,  
Nem se o sangue do taful,  
E' amarello, ou azul.

E eu pilhando o seu dote,  
(Pois, não o tendo, no caso,)  
Ha-de então ir tudo raso!  
Cavallos, moços, ólé!  
E lindo cabriolé.

O peor é, que brazão,  
Lhe mandarei eu pintar?  
Já tenho estado a pensar . . . .  
E em verdade não sei,  
Como destá sahirei!

P'ra pôr um chapéu por timbre,  
Não fará nenhum effeito;  
Mas não ha mais d'um sujeito;

a espinhosissima missão da rehabilitação dos postos que todos tinhamos no antigo exercito de Portugal, na occasião da convenção de Evora-Monte, sem que, até agora, tenhamos podido conseguir essa rehabilitação.

Camaradas!

Não vos dizemos que temos perdido todo o nosso trabalho, visto baldar todos os nossos esforços, e malogradas todas as nossas esperanças; não, camaradas.

Se é certo que ainda não podemos conseguir a promulgação de um decreto pelo poder executivo; ou ver discutida uma lei pelo poder legislativo, que nos rehabilite, não o é menos, tambem, que a causa infeliz que temos defendido, e que ainda sustentamos; a causa dos officiaes convençionados de Evora, promovidos pelo governo do sar. D. Miguel de Bragança, e adherentes a commissão de 12 de Agosto, tem sido um completo triumpho na opinião publica, manifestado por toda a imprensa independente do paiz.

Camaradas!

Quando uma nação se pronuncia aberta e decididamente por uma cousa poder-se-ha embora contrariar por algum tempo a sua vontade; mas nunca conseguir, que deixem de ser satisfeitos os seus votos. E' o que acontecerá á nação portugueza, quanto ás suas aspirações de generosidade, de justiça, e de humanidade, pelo que a todos nós diz respeito.

Camaradas!

E não é só a nação que contamos pelo nosso lado. El-rei, e o seu governo são tambem, nós o sabemos, pela causa da justiça que advogamos e defendemos.

E com tão poderosos elementos contamos triumphar, e vencer, *qualquer que seja a guerra traçoica, deshumana, e degradante mesmo, que alguns especuladores pervertidos nos movam, por mais acirrada que ella seja.*

Camaradas!

Vão abrir-se brevemente as camaras do paiz, e nós contamos em Deos, que na proxima futura sessão legislativa seremos attendidos pel s poderes do estado, como o pede a justiça, como o reclama a humanidade, e ensina a bem do patria.

Para chegarmos a esse fim (acreditae), camaradas, não nos pouparemos a sacrificio algum.

Camaradas!

No meio dos grandes dissabores e desgostos por que havemos passado, promovidos quasi todos por aquelles mesmos que deviam ajudar-nos na santa causa em que nos achamos empenhados, temos tido sem duvida uma grande consolação. E' a vossa firme adhesão; e a plena confiança com que nos haveis honrado apesar de toda a intriga abjecta e vilã, que alli se nos tem movido, «com o fim de nos separar e desunir; com o fim de obstar a que levemos ao cabo a bella obra de restituir á patria muitos braços, que ainda lhe podem e devem ser uteis; a muitas familias o conforto dos meios, que absolutamente carecem, e a centos de individuos os fóros de cidadãos portuguezes, que de facto tem perdidos depois da convenção de Evora-Monte.»

Camaradas!

A dôr do insulto progressivo, da calumnia, e da injuria está bem compensada pelo vosso exemplar comportamento!

Saboreando o *plaisir*  
D'uma pasta dirigir!

Não repare, meu compadre,  
De ja nietter meu francez;  
Pois este milagre fez,  
Um dicionario que tenho,  
Que comprei a um ganeanho.

Aonde vou decorando  
Algum termo mais preciso,  
Que empregado com siso,  
Far-me-ha no parlamento,  
Passar por grande talento.

Além disto eu lhe confesso  
Tambem ter minha ambição,  
De ir lá dar a minha mão,  
Encontrando a minha ELLA,  
Rica, fidalguita, e bella.

E então se lhe não digo,  
— *Mon ange!* como diabo  
Levarei a cousa ao cabo,  
Aonde tanto janota,  
Só francez vomita e arrota?!

Que tem armas, e ninguem  
Lhe sabe d'onde ellas vem?

Pois nisto tambem, compadre,  
— Eu quero a moda seguir;  
Eu as irei descobrir,  
Nos *P'reiras*, nos *Maldonados*,  
Nos *Sileas*, e nos *Botados*.

Hoje em dia, meu compadre,  
Tudo se pode fazer,  
O caso está em perder,  
(Mas já nem em tal se sonha!)  
Ao que se chama — vergonha. —

Quem a não tem, acredite,  
Tem todo o mundo por seu;  
Não me coasta que morreu  
Pobre o desavergonhado,  
Nem rico, ó que fosse honrado.

Adeos, compadre, cuidado,  
Com a noite do Natal,  
Que lhe não vão fazer mal,  
As batatas e mexidos,  
Nesta noite appetecidos.

E quando nós houveramos conseguido o fim a que nos temos proposto, que confiamos em Deus, que havemos de conseguir; então a emção de prazeres nossos corações será completa, e jamais nos recordaremos dos amargos desgostos que soffremos; e muito menos dos seus *désnaturados* auctores!

Lisboa, em sessão da commissão de doze de Agosto, aos 2 de Dezembro de 1836.

O presidente, Cactano José Peixoto Guimarães — O vice-presidente, Jacintho Pereira Lima — O relator, Albano Afonso d'Almeida Coutinho — O secretario, José Carlos Pistacchini — José Simões de Azevedo — José Manoel Inglez — João José Portirio Correa — João José da Silva — Luiz Pereira Carrilho — Antonio Bernardo Negalho.

A commissão central permanente de doze de Agosto faz saber a todos os seus adherentes, que nomeou, adjunto a mesma commissão, o sr. Antonio Bernardo Negalho, em substituição ao sr. José Pires de Mattos.

O Secretario,  
José Carlos Pistacchini.

(Civilização.)

No *Pobres do Porto* lê-se o seguinte:

Tem-se feito grande espalhamento com a historia d'uma carruagem delida ás portas da cidade, e pertencente ao par do Reino e ministro d'Estado Honorario, Felix Pereira de Magalhães. Tem-se dito muitos despropósitos, e tem-se escripto muitas inexacções: eis-aqui o facto tal qual me foi contado por pessoa bem informada e incapaz de metter gato por lebre: — O sr. Felix Pereira de Magalhães encaixou-se, na sua carruagem e foi á sua quinta; apeou-se pagou as feras aos trabalhadores, passeou pela quinta, e deu ordens aos seus criados. Tornou a encaixar-se na carruagem, e vindo caminho da cidade, apenas chegou ás portas da mesma, uns poucos de guardas barreiras bradão ao boleeiro — «faça alto!» — e intimão a s. exc.<sup>a</sup> para se apeiar. Passão revista á carruagem, e encontram uma insignificante porção de batatas, azeitonas, e menos talvez de duas canadas d'azeite; presente feito pelo cazeiro da quinta ao boleeiro, e que este tinha sobrepticamente escondido na carruagem. Um trabalhador da quinta, que anda de rixa com o cazeiro, e que presenciou tudo isto, veio adiante fazer a denuncia aos guardas barreiras. Esta é que é a verdade. O processo, *mon cher*, acha-se affecto ao Correccional, e o resultado mostrará que o digno par, Felix Pereira, não merecia as injurias com que os seus inimigos politicos o tem mimoscado á carga cerrada. — Para o meu amigo fazer idea do quanto se andou de leve neste negocio, basta que lhe diga que houve um *qui pro quo* com o appellido do Magalhães, e que o Rodrigo da Fonseca foi mui soffrivelmente obzequiado.»

## NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

N'uma carta de Napoles de 27 do passado, publicada no *Times* de 2 do corrente, lê-se o seguinte:

«As noticias que tenho, mencionam novas prisões na provincia de Palermo, especialmente no districto de Valle. Corre que mais de cem nomes estão inscriptos nos registos da policia, e que a maioria dessas pessoas foram ultimamente presas, entre alguns membros de uma familia chamada Mignone; quando estes eram levados á cadeia houve uma tentativa de resgatal-os, de que resultou serem feridos alguns gendarmes. Nada prova tão energicamente a triste condição do povo como vêr-se um districto situado nas visinhanças da segunda capital do reino em estado de revolução constante contra o governo.

«Em Cosenza tambem houve desordens. Na capital fizeram-se diligencias para comprometter os soldados, e circula o rumor de prisões recentes de individuos pertencentes ao exercito.

O mesmo correspondente accrescenta, que gira em Napoles uma proclamação convidando a tropa no caso de sublevação a sustentala por todos os modos possiveis. O theor da proclamação é este:

«Valentes soldados, nossos compatriotas! Vós declaraes que não desejaes nem a anarchia, nem a revolução; tambem não queremos nem uma nem outra; porem, vós e nós não podemos nem devemos tolerar o estado de cousas que hoje tem chamado a attenção dos governos europeus conservadores.

«Homens sem fé nem coração sob pretexto de manter a ordem, reinam sobre nós contra a opinião publica, contra a moralidade, e contra os desejos de todos, loucos e perversos opprimem o povo, porque contam com a vossa honra, e com a vossa lealdade. Mas, em nome de Deus, vos emprazamos, permittireis que o vosso sangue derramado, e os sentimentos que vos honram, sirvam para satisfazer a sede insaciavel desses reptis, que se chamam directores da policia?

«Italianos, soffrireis que os vossos compatriotas sejam insultados, que o vosso povo seja opprimido? Consentireis que vos comparem aos suissos mercenarios, quando a ninguem haveis vendido o vosso braço e armas, antes graças ao Ceu jurastes fazer uso dellas em apoio da lei? E que lei mais sagrada do que a jurada em presença de Deus, uno e trino, ante a Italia, a Europa, e a historia, que registaram o vosso juramento! Attendei que o silencio vos torna cúmplices ou remissos! Manifestai que nada disto sois, nem cegos instrumentos dos que se alimentam com o sangue e lagrimas de oito milhões de habitantes. Parti o pão que recebeis e o achareis amassado com sangue e lagrimas. Por tanto, soldados, se o povo declarar os seus votos legitimos e legaes, manifestai-lhe as vossas sympathias, não opponhaes, auxiliai-o por todos os meios possiveis. Salvai da desgraça a patria, e ganhareis o nome de libertadores da patria!»

Um jornal inglez insere o seguinte quadro das victimas politicas na Italia desde 1831 a 1851; são algarismos, que dão informações simultaneamente funebres, instructivas e curiosas.

Reino das Duas Sicilias. — Em Napoles houve em 1831 onze victimas politicas, em 1837 vinte e oito, em 1844 vinte; total 112. — Na Sicilia desde Junho de 1848 até Agosto de 1851, sob o commando do general Filangieri, 1,609.

Estados pontificios. — Em Bolonha, desde 23 de Maio até 23 de Junho de 1849 a 23 de igual mez de 1853, sessenta: em Roma, desde Agosto de 1850 até Junho de 1853, quarenta e seis, em 21 de Janeiro de 1854, tres; em Sinigaglia, em Setembro de 1852 vinte e quatro.

Toscana. — Em Leorne, executados sem culpa formada nos dias 13 e 14 de Maio de 1840 duzentos, em 13 de Setembro de 1851 quarenta.

Reino Lombardo-veneziano. — Em Padua, e em Rovigo foram sentenciados pelo conselho de guerra em 1849 duas mil e quinhentas e quatorze pessoas, em 1850 mil trezentas e vinte e tres, em Janeiro e Março de 1851 duzentas e vinte e tres; total — 4,060 (*Gazetta Austriaca*.)

Em Este, sentenciados pelo conselho de guerra desde 17 de Maio a 30 de Junho de 1851 cento e quinze. Em Brescia, assassinados por ordem de Haynau no mez d'Abril de 1849 duzentos e vinte e dois, enforcados depois doze. Em Mantua, no dia 7 de Dezembro de

1852 o sacerdote Tazzoli e seus companheiros, cinco; em 3 de Março de 1853. Tito Speri e mais quatro.

Em Milão, em Fevereiro de 1853 quarenta e seis.

Piemonte. — Em 1853 onze, em 1854 dois.

Total geral das victimas 6,773. (Revolução de Setembro)

— Da Razão:

Escrevem de Napoles que no dia 26 o rei assignou varios decretos aministiyando 40 presos e desterrados politicos. Muitos officiaes dos regimentos que se acham de guarnição na Sicilia foram expulsos, e a outros deram reforma; estas medidas provam que o governo não tem confiança no exercito; finalmente, foram presos na capital muitos militares, e encerrados no castello de S. Thelmo por serem sorprendidos no acto de distribuir uma petição ao rei, e denunciados por um soldado; a petição dizia assim:

«A S. M. El-Rei Fernando 2.<sup>o</sup>»

«Senhor. — V. M. ter-se-ha convencido por espaço de largos annos da adhesão e fidelidade do exercito, o qual, sempre que se lhe apresentou occasião, jámais deixou de derramar seu sangue em defeza do throno, e da monarchia. Agora que o porvir se apresenta tão medonho e prehe de acontecimentos, digne-se V. M. escutar sua voz, e seus desejos.

«V. M. fez-lhe prestar juramento á constituição de 1848, e depois quiz que o exercito combatesse as exigencias immoderadas de certos individuos das quaes podia resultar a dissolução do Estado. Nestas circumstancias o exercito executou vossa vontade com zelo e valor, por que V. M. protestou que não era sua intenção abolir a carta que espontaneamente tinha outhorgado; o exercito intendeu que podia obedecer com honra, e consciencia.

Porem são passados 8 largos annos nos quaes tem reinado a maior tranquillidade, e nada impede a V. M. pôr de novo em vigor a carta outhorgada e jurada.

Tal é o desejo mais ou menos encoberto de todos nós, agora que o exercito tem a consciencia de si mesmo.

«Considere V. M. o que deve dizer de nós a Europa, que quando o outro exercito italiano se cobriu de gloria nós só somos oppressores de nossos irmãos, os quaes querem absolutamente o que nós queremos, isto é, a prosperidade geral e de nossas familias. Agora que por todas as partes se levantam gritos a favor desse pobre povo, devemos todavia apontar nossas bayonetas, e nossas espadas contra seu peito? Póde por mais tempo durar semelhante estado de cousas?

«V. M. obrará, estamos certos segundo o dictame da razão e da prudencia. — Tal é repetimo-lo, o desejo de todo o exercito, que quer no successivo deixar a salvo sua honra e sua consciencia que julgaria comprometida, se V. M. presistir em oppor-se ao desejo de todos.

«Novembro de 1856 — O Exercito»

Em data de 23 escrevem de Genova ao mesmo jornal:

«As povoações circumvisinhas de Palermo estão em insurreição Espera-se d'um momento para o outro que o movimedto estale na cidade.»

O *Correio Mercantil* de Genova diz tambem:

«Com a chegada do «Correio Siciliano» jornal de Palermo, espalhou-se a noticia d'uma insurreição, que abrange, dizem, Calatafini e outros importantes pontos da provincia de Palermo.

«Não se sabe precisamente o numero dos insurgentes. Foram distribuidas armas, desar-

mados os destacamentos, quebrados os telegraphos, arvorada a bandeira de 1848, demittidos os funcionarios; mas tudo sem effusão de sangue, e estabelecendo-se um governo provisorio. Um deputado do parlamento siciliano de 1844 está á frente do movimento.

«O centro ou séde do governo provisorio é em Calatafimi, cidade de dez mil habitantes. A insurreição estalou a 22; propagou-se, e foi conhecida em Palermo a 23.

«Isto é tudo o que se sabe até hoje (25) em Palermo. Fizeram-se algumas prisões, e uma columna de tropa foi mandada para combater os insurgentes da provincia, que, no seu programma, annunciaram marchar sobre a cidade.»

(Leco Popular)

«Em Neufchatel manifesta-se uma grande tensão em consequencia das demonstrações imprudentes dos realistas exaltados. Estas demonstrações recahem nos prisioneiros sobre que se tomam rigorosas medidas de precaução. Receia-se uma evasão que as autoridades cantonaes querem impedir a todo o custo.

Na legação napolitana em Madrid se recebeu por via extraordinaria uma noticia da maior gravidade, que prova que a generosa medeação da França e da Inglaterra em favor da Italia causara uma excitação que podia ter fataes resultados. No momento em que o rei de Napoles passava, no dia 8, revista ás suas tropas, um soldado sahio das fileiras e deu-lhe uma bayonetada na peito. Instantaneamente os soldados se arramaram ao regicida e o deixaram n'um estado deploravel.

A lesão feita a rei no peito foi de tão pouca gravidade, que elle continuou a revista.

(Lidador)

## LOCAES.

**Phenomeno** — A freguezia de Rossas acaba de presenciar uma medonha raridade. Um campo, em terreno quasi plano, com assustador estrondo sahio do lugar, que occupava; e, correndo para o lado do rio cousa de 500 passos, destruiu tudo quanto encontrou no seu transitto. Pejou o rio, e arremegou ao lado opposto d'elle corpulentos castanheiros. Arruinou um forte edificio aonde estavam collocados dous engenhos, um de azeite, outro de serrar madeira. Submergiu uma casa, aonde infelizmente estavam duas pessoas, mãe, e filha. Estas desgraçadas creaturas, depois do trabalho de muitos braços na excavação, foram encontradas mortas, a mãe debruçada sobre a filha, mas sem contusão, ferimento, ou fractura, ao passo que se acharam vivos alguns frangos e gallinhas. Este successo teve lugar na madruzada do dia 16, se bem nos recordamos. O ill.<sup>mo</sup> administrador do concelho correu lgo ao lugar, e prestou os serviços inherentes áquelle cargo com actividade, e intelligencia. O lugar em que se achava o campo está lamacento e intransitavel.

E' o que referem testemunhas oculares.

**Subscrição.** — O nosso honrado concidão o snr. Raimundo Alves Torres, tomou a seu cuidado promover uma subscrição mensal, que tendo o seu principio no primeiro do proximo Janeiro, tem de durar até o primeiro de Junho. Qualquer modica quantia é acceite, e o seu objecto desperta na alma endurecida o sentimento d'uma das mais nobres, e graduadas virtudes — a charidade —

— **Theatro.** — Domingo teve lugar a representação dramatica, que curiosos deram em beneficio da casa. A peça agradou, e ainda mais a sua execução, por que ninguem diria, ao levantar-se o panno, que erão curiosos, alguns dos quaes ainda não viram um theatro regular, os que se achavam em scena! Foram muito applaudidos os snrs. Peixotos (familias distinctas) e o snr Faria, e por fim todos chamados fóra, e muito victoriados. Alguns camarotes, dos que ficaram de vago, já se acham

tomados para a segunda récita. Na platea não foi grande a concorrência.

**Aviso aos snrs. Assignantes.** — Na proxima sexta feira somos obrigado a faltar com a folha aos nossos assignantes; porque sendo os *Typographos* de fóra da Terra, e naturaes do Minho, não lhes é possivel o deixar de ir comer o bacalhau, e os *farmigos* com suas familias na festa do Natal — Era este um inconveniente, que não podiamos prever!

— **Longevidade** — Deu-se hontem á sepultura o rev.<sup>mo</sup> Manoel Lopes Martins de Macedo, beneficiado, e ex-vigario da igreja parochial do S. Paio desta cidade. O enterro foi feito com toda a pompa funebre na igreja da V. O. Terceira de S. Francisco, e com as distincções de pae da V. Ordem. Teve sempre vida regular ou com mais propriedade, virtuosa, que durou noventa e dous annos, trez mezes e dous dias. Desejamos-lhe o eterno descanso.

— **Novo Jornal** — Recebemos os primeiros numeros do novo jornal — A Opinião — Felicitamos o paiz por sua appareição. E' mais uma escora da liberdade, um sustento de principios, e não de pessoas. Bem vindo seja.

— **Louça.** — O nosso collega patricio clama contra a feira da louça na Praça do Tournal, e nós vamos clamar contra tamanho, e peor uso, por já não lhe podermos chamar abuso.

A moda de não se satisfazerem com o ganho licito; a moda de quererem inculcar, o que não são, ha muito, que se estendeu aos pannelheiros; porem agora mais que nunca.

Como o barro vindo do Prado, o proprio para a louça, é caro, e está carregado (dizem) com direitos, os pannelheiros ligam com terra o barro necessario para poderem fazer obra de sorte que, posta a louça ao lume, principia logo a desfazer-se, até que abre buraco em 1, 2, ou tres dias, outros, além desta tempera, misturam sal no barro para estalar. D'aqui resulta ser pouco o dinheiro para louça, e, o que é mais, muitas desgraças arrebatando panellas com agua fervente, e cahindo assim das mãos aos conductores, que ficam com as azas na mão! Sobre isto não pode deixar d'haver promptas medidas, porque as desgraças são frequentes, e a lesão é enormissima.

— **Cereaes.** — O mercado do dia 20 foi muito concorrido como é de costume nas proximidades do Natal. Como todos queriam dinheiro para comprar o bacalhão, (que de 30 reis passou a 70, e 80 rs. o arratel!) foram mui variados os preços dos cereaes. O trigo, e feijão deram baixa, e o milho vendeu-se de 520 até 570. No fim da feira regularam os preços seguinte:

Trigo . . . . .	18250
Milho graúdo . . . . .	550
Dito miúdo (ou alvo) . . . . .	600
Centeio . . . . .	700
Feijão amarello . . . . .	640
Dito rajado . . . . .	520
Dito fradinho . . . . .	400
Batata . . . . .	320
Castanha . . . . .	360

## ANNUNCIOS.

### ATENÇÃO.

**M**ANOEL Vieira Reis, morador na rua da Fon-

te Nova desta cidade n. 50, tem bom *chá Hisson*, que vende por arratel a 850 e 900 reis. (48)

## ANALYSE CRITICA

SOBRE

Os vicios de lingoagem que se encontram nas duas cadernetas de philosophia adoptadas no Lyceu de Braga.

*Noções elementares de Psychologia, Ideologia e Grammatica geral &c. e Noções elementares de Ontologia, Psychologia Racional e Theodicea &c por M. Pinheiro d'A. A.*

ACOMPANHADAS DE REFLEXÕES GERAES.

Por

G. DE MOURA COUTINHO.

Assigna-se para este escripto, que formará um pequeno volume em 8.<sup>o</sup> francez, em BRAGA na rua Nova n.<sup>o</sup> 3; — em GUIMARÃES, na loja do snr Raimundo Alves Torres; — no PORTO, na redacção da *Monarchia* na rua das Hortas; — em COIMBRA, na loja do sr Mesquita; — em LISBOA, na do sr Lavado.

O preço regulará a razão de 30 rs. por folha (de 16 paginas) de impressão, que será paga ou no fim da recepção do volume, ou de cada folha á vontade dos snrs assignantes. Deste modo não tem os mesmos snrs. que receber burla. (53)

QUEM quizer comprar duas moradas de casas com os n.<sup>os</sup> 3 e 4, na rua — Travessa, ao pé das Dominicas, pertencentes aos herdeiros do fallecido Manoel José da Costa, queira dirigir-se a Domingos José Ferreira da Silva Guimarães, no Tournal, que tem ordem para as vender. (52)

## VAPORES PARA O BRASIL

COMPANHIA HAMBURGO BRASILEIRA.

*Pelos tres Barcos a Vapor.*

TEUTONIA a helice	2200 toneladas de força	400 cavallos
PETROPOLIS	2200 "	400 "
Em construcção	2200 "	400 "

O TEUTONIA espera-se em Lisboa no dia 28 ou 29 de Dezembro e sahirá 2 dias depois.

### TABELLA DAS PASSAGENS.

	1. <sup>a</sup> Classe	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>
De Lisboa para Pernambuco	117\$000	81\$000	38\$100
Bahia	126\$000	99\$000	38\$100
Rio de Janeiro	144\$000	117\$000	38\$100

Os Passageiros de 3.<sup>a</sup> classe tem passagem para Lisboa no vapor LUSITANIA.

No Porto tracta-se com G. R. Batalha, rua dos Ingleses n.<sup>o</sup> 81 1.<sup>o</sup> andar que dará todos os mais esclarecimentos. (47)

GUIMARÃES:

Typ. de Francisco José Monteiro.

Rua da Caldeiroa n.<sup>o</sup> 32.